



---

# Carta Aware

ABRIL 2024

Leia mais em nosso site: [www.awaregestao.com](http://www.awaregestao.com)

## Estados Unidos

Afinal, em meio às ondas de protestos e insurgências ocorridas nos centros universitários mais prestigiados da América, decorrentes da situação vigente na Palestina, a economia dá sinais de margem para uma resolução digerível dos status dos juros em 2024.

A taxa de desemprego nos Estados Unidos ficou em 3,9% em abril, o nível mais elevado desde janeiro de 2022. Foram criados 175 mil empregos no mês passado, muito abaixo das expectativas de 235.000 empregos no mês. O que por norma seria um indicador pessimista, gera sala para os sonhados cortes de juros. A economia ianque, que viu a parte mais potente financeiramente de sua população aumentar rendimentos e a escala social como um todo aumentar consumo e enfrentar aumentos nos níveis de salários, agora sem tardar mais que o necessário, precifica dois eventuais cortes favoráveis à desaceleração até o fim do ano. Ainda que os mercados sejam melodramáticos tal qual a novela das 9, a sobriedade nos induz sugerir que muita água ainda vai rolar. Os dados de inflação e desemprego em diante ao término do ano podem selar o início dos cortes, ou sacramentar a tese de que os esforços monetários e fiscais até então estão subotimizados e podemos apertar os cintos para níveis neutros de juros mais elevados no futuro.

Na decisão de abril, o Fed optou de forma cautelosa de manter as taxas de juros. "A inflação veio diminuindo ao longo do último ano, mas permanece elevada. Nos últimos meses, houve falta de progresso em direção à meta de inflação de 2%", diz a nota do Fed, que acompanhou a decisão. "As perspectivas econômicas são incertas e o Comitê permanece bastante atento aos riscos de inflação." "Estou otimista de que o nível restritivo dos juros de hoje pode aliviar a demanda a fim de trazer a inflação de volta à nossa meta", disse Thomas Barkin, presidente do Fed de Richmond, em comentários para o Rotary Club de Columbia, na Carolina do Sul.

Um indicador a pesar desfavorável ao pavimento dos juros é a contração da produção desindexada da queda de preços. O setor de serviços dos Estados Unidos contraiu em abril, enquanto uma medida dos preços pagos pelas empresas por insumos aumentou, um sinal preocupante para as perspectivas de inflação. O Instituto de Gestão de Fornecimento (ISM) informou que seu PMI não manufatureiro caiu para 49,4 no mês passado, de 51,4 em março, a menor leitura desde dezembro de 2022. A produção também vacilou, com um indicador da atividade empresarial recuando para 50,9, de 57,4 no mês anterior, para níveis vistos pela última vez no início da pandemia. Apesar da desaceleração da demanda, a inflação de serviços saltou de 53,4 em março para 59,2.

## Europa

Sonho meu... Sonho meu...

Capaz de garantir sono à inflação com uma produção tão esvaída de forças, o que antes era piada pode estar em vias de realização por precariedade europeia e ingerência fiscal norte-americana.

Um pouso suave de alívio da inflação com "custo econômico moderado" permanece ao alcance das economias europeias mas está longe de ser garantido, com a recuperação até agora se mostrando preliminar na maioria das economias da região, disse o FMI. A entidade disse que a recuperação anêmica reflete o sentimento mais fraco do consumidor, o efeito defasado dos preços mais altos da energia e a fraqueza do setor industrial e do investimento empresarial. Nas economias europeias avançadas, os bancos centrais que estão prontos para começar a reduzir as taxas de juros precisam adequar esse afrouxamento da política monetária às "condições em andamento - não afrouxando nem muito rápido nem muito devagar", disse Alfred Kammer, diretor do departamento europeu do FMI. Enquanto isso, no restante da Europa, as taxas precisarão permanecer mais altas por mais tempo para garantir que a inflação seja totalmente contida. Os juros mais baixos estão vinculados claro, ao conflito no leste que desalinha os níveis de preços de energia, mas também a mesma falta de insumos, anexada ao natural declínio do continente como um todo, que corrompe a produção europeia. Os esforços para aprofundar o mercado único europeu devem começar mais cedo ou mais tarde, e autoridades devem evitar a tentação de responder às ameaças à competitividade por meio de subsídios, disse Kammer.

Em números: a inflação nos 20 países que usam o euro desacelerou para 2,4% no mês passado em uma base anual, de 2,6% em fevereiro, em linha com a estimativa preliminar. Enquanto isso, o aumento dos preços subjacentes, que filtram os preços voláteis de alimentos e energia, caiu de 3,1% para 2,9%, apesar de a inflação de serviços ter se mantido estável em um nível desconfortavelmente alto de 4%.

A principal economia do continente reflete a tímida recuperação de seus pares. Evitando uma recessão, a Alemanha cresceu mais do que o esperado graças ao setor de construção e às exportações, além de manter estável o nível inflacionário. A economia cresceu ligeiramente no primeiro trimestre, com alta de 0,2% do PIB em relação aos três meses anteriores, em termos ajustados. O temor se confirmando é de que os números e a conjuntura não transparecem recuperação, e sim um crescimento limitado, cortando as asinhas de uma economia em queda.

Já os britânicos sofrem o amargor do isolamento. O Reino Unido sofrerá algumas das taxas mais baixas de crescimento econômico e a inflação mais alta entre os países do G7 neste ano e no próximo, segundo previsões da OCDE, que reduziu a previsão de crescimento deste ano para a economia britânica a 0,4%, em comparação com os 0,7% previstos em fevereiro. O crescimento do Reino Unido em 2025 deve se recuperar para apenas 1,0%, em comparação com a previsão anterior da OCDE de 1,2%, colocando o Reino Unido na última posição do G7. "O robusto crescimento dos salários reais sustentará a atividade no primeiro semestre de 2024", afirmou o relatório da OCDE para o Reino Unido.

## Ásia

### China

A China está como uma avó para com seus netinhos. Enquanto estiverem todos sentados à mesa, sempre há de haver mais sustância aos netos pródigos, pronta para acolher e levantar os ânimos nos momentos de descrença.

As taxas de juros de referência da China foram mantidas pelo banco central, em linha com as expectativas do mercado. A taxa LPR de um ano permaneceu em 3,45%, enquanto a taxa de cinco anos ficou em 3,95%, disse o PBoC. Segundo a agência de notícias Xinhua, espera-se que a manutenção da LPR nos atuais patamares fortaleça os mercados de crédito e imobiliário, reduza o custo financeiro de empresas e indivíduos e contribua para uma recuperação econômica estável. Com o crescimento do PIB do primeiro trimestre excedendo a meta anual de "cerca de 5%", espera-se que a postura de política monetária permaneça inalterada na próxima reunião do Politburo.

Internamente da cúpula vermelha, já se fala em negociar títulos como ferramenta monetária. Uma autoridade sênior do banco central chinês sugeriu que a compra e venda de títulos do Tesouro pelo banco no mercado secundário poderia ser usada para a gestão de liquidez. Os rendimentos dos títulos de longo prazo da China, que caíram recentemente, irão se movimentar "dentro de uma faixa razoável" em linha com o crescimento econômico esperado, disse a autoridade, acrescentando que a recuperação econômica da China está se consolidando. "O banco central está otimista quanto às perspectivas de crescimento econômico no longo prazo. Entretanto, fatores como oferta e demanda também trarão distúrbios de curto prazo para os rendimentos dos títulos de longo prazo", disse a autoridade.

Na fomentação à economia, o mercado de trabalho da China permaneceu estável no primeiro trimestre de 2024, com um total de 3,03 milhões de novos empregos urbanos criados durante o período, mostraram dados oficiais. De acordo com o Ministério dos Recursos Humanos e Segurança Social, a taxa de desemprego urbano do país situou-se em 5,2% em março, também mantendo a estabilidade. O país estabeleceu uma meta anual de criar mais de 12 milhões de novos empregos urbanos até 2024 e pretendia manter a taxa de desemprego urbano pesquisada em cerca de 5,5% neste ano.

## Ásia (cont.)

### Japão

Apesar da alta histórica do Nikkei, nem tudo são flores de cerejeira.

O BoJ deixou inalterada a sua meta de taxa de juros, um mês depois de ter feito o primeiro aumento da taxa em 17 anos. O banco central japonês manteve a sua meta para a taxa overnight em um intervalo entre zero e 0,1%. O conselho de política monetária do banco disse que espera que o núcleo da inflação ao consumidor atinja 2,8% no ano fiscal encerrado em março de 2025, em comparação com uma previsão anterior de 2,4%. Ele projetou que os preços básicos ao consumidor aumentarão 1,9% no ano encerrado em março de 2026 e no ano seguinte. A fragilidade do iene promete gerar inconsistências inflacionárias aos nipônicos, aumentando a probabilidade de que haja já novos aumentos de juros no verão do hemisfério norte. O iene enfraqueceu além de 156 em relação ao dólar, o nível mais baixo desde maio de 1990.

Kazuo Ueda, presidente do BC, disse que a autoridade monetária examinará os recentes movimentos da moeda ao orientar a política monetária, já que eles podem afetar significativamente a economia e os preços. Ueda também disse que o banco central ficará de olho em como os movimentos do iene podem afetar a inflação subjacente do Japão.

### Índia

O brasileiro cria, o indiano copia.

O BC hindu está trabalhando para disponibilizar sua moeda digital sem depender do acesso à internet, segundo o governador do Banco de Reserva da Índia, Shaktikanta Das. Um dos objetivos é poder fazer pagamentos instantâneos sem a necessidade da rede, uma espécie de Pix offline. "Uma das principais características do dinheiro em espécie é que ele funciona fora da internet. Estamos trabalhando para tornar a transferência de CBDC (moedas digitais de banco central) também possível no modo offline", disse Das, em um evento organizado pelo Banco de Compensações Internacionais. O uso da moeda digital de banco central na Índia atingiu 1 milhão por dia, mas as pessoas ainda preferem usar o modo de pagamentos móveis instantâneos, disse Das.

## Oriente Médio

Quem um dia vislumbrou que um pequeno grupo paramilitar na periferia do Médio Oriente poderia causar tanto estrago à maior rota comercial do planeta ao lado do canal panamenho?

As interrupções no transporte de contêineres no Mar Vermelho estão aumentando, disse a Maersk, prevendo que isso reduzirá a capacidade do setor entre a Ásia e a Europa em até 20% no segundo trimestre de 2024. A Maersk e outras empresas de transporte marítimo estão desviando embarcações em torno do Cabo da Boa Esperança, na África, desde dezembro, para evitar ataques de militantes Houthi alinhados ao Irã no Mar Vermelho e os tempos de viagem mais longos têm elevado os fretes. Os custos de combustível da Maersk nas rotas afetadas entre a Ásia e a Europa estão agora 40% mais altos por viagem, disse um porta-voz. A Hapag-Lloyd, da Alemanha, que disse acreditar que a crise pode ser superada antes do final de 2024, também está redirecionando as embarcações. "Os ataques no Mar Vermelho e no Golfo de Aden estão se deslocando cada vez mais para o mar. É por isso que estamos evitando totalmente essa área", disse a Hapag-Lloyd.

As interrupções causam efeitos em cascata em várias outras rotas de frete de contêineres, particularmente da Ásia para as costas leste e oeste da América do Sul, disse o porta-voz da Maersk, acrescentando que a situação do Mar Vermelho é complexa e continua a evoluir. Os efeitos indiretos das viagens ao redor da África incluem gargalos e aglomeração de navios, quando vários cargueiros chegam ao porto ao mesmo tempo, bem como falta de equipamentos e capacidade. "Estamos fazendo o que podemos para aumentar a confiabilidade, inclusive navegando mais rápido e aumentando a capacidade", disse a Maersk, acrescentando que até agora já alugou mais de 125.000 contêineres adicionais.

## América Latina

### Argentina

O governo Milei segue antecipando boas novas e aparentemente, salvo os efeitos colaterais das injeções revolucionárias de 1º grau, parece que ele realmente vai conseguir desatolar o gado argentino.

O BC argentino reduziu por 3 vezes a taxa de juros de referência da economia, alcançando 50% a.a., o equivalente a 4,2% mensais, informou a autoridade monetária. Foi a quinta redução desde que Javier Milei assumiu a presidência do país, em dezembro. Segundo comunicado, a decisão do BCRA leva em consideração "o contexto financeiro e de liquidez e se baseia no rápido ajuste das expectativas de inflação, no fortalecimento da âncora fiscal e no impacto monetário contracionista derivado da sazonalidade nos pagamentos externos do Tesouro no trimestre corrente". A Reuters destacou que, desde 11 de abril, a autoridade monetária reduziu a taxa básica em 10 pontos percentuais em cada decisão. A expectativa das autoridades argentina é que o Índice de Preços ao Consumidor deva ter ficado por volta de 8% em abril, após os 11% observados em março.

Nessa pegada de "good vibes only", o risco-país desde a posse do super-herói anárquico hermano recuou mais de 1,6 mil pontos (38,4%). No último dia útil antes da posse, em 8 de dezembro, o Credit Default Swap (CDS), que funciona como uma espécie de seguro contra calote da dívida, bateu 4.280 pontos. Já no último dia de abril, o índice havia recuado para 2.634 pontos. Já o índice S&P Merval — referência da bolsa de valores Argentina — disparou mais de 40% no período, chegando aos 1.323,585 pontos ao fim do mês.

Ainda que em um ciclo virtuoso, a atual administração ainda enfrenta fantasmas do natal passado. A implantação da circulação de notas de 10 mil pesos argentinos reflete a aberração inflacionário em que o país se encontra. Na conversão atual, o valor é o equivalente a cerca de US\$ 11. Segundo o BC argentino, a nova nota irá "facilitar as transações, garantir mais eficiência à logística do sistema financeiro e permitir reduzir significativamente os custos de aquisição de cédulas".

## América Latina (cont.)

### Chile

Nos vales andinos, os preços voltam a cutucar e incomodar muita gente. As autoridades pregam manutenção de rota fiscal.

De acordo com o instituto nacional de estatísticas, os preços subiram 0,5% em abril na comparação com março, superando a estimativa mediana de 0,4% por analistas em uma pesquisa da Bloomberg. A taxa de inflação anual também subiu, passando de 3,7% para 4%. Espera-se que o BC desacelere o ritmo de seu ciclo de flexibilização monetária pela segunda vez consecutiva, implementando um corte de 0,50 ponto percentual na taxa de juros em 23 de maio. Investidores antecipam uma redução menor após declarações de autoridades monetárias destacando riscos globais, incluindo taxas de juros possivelmente elevadas por um período mais prolongado. Contudo, as previsões de custo de vida permanecem ancoradas na meta de 3% para o horizonte de política de dois anos. Os planos de estender um dos ciclos de corte de juros mais significativos do mundo permanecem inalterados, uma vez que as autoridades monetárias já incorporaram novos riscos globais em suas perspectivas, afirmou a presidente do banco central, Rosanna Costa, em entrevista no mês passado. As decisões sobre novas reduções no custo do crédito serão cautelosas, levando em consideração os desdobramentos macroeconômicos, acrescentou ela. O BC obteve algum alívio com as recentes valorizações do peso chileno, que se apreciou 4% desde a última reunião de política monetária realizada em 2 de abril. Os próximos meses serão marcados por uma desaceleração no aumento dos preços ao consumidor e pela melhora da economia, disse o Ministro da Fazenda, Mario Marcel, em entrevista à Rádio Infinita na quarta-feira. "Os aumentos nos preços dos combustíveis vão desacelerar em razão da queda do dólar", afirmou. "A queda do dólar vai aliviar as pressões inflacionárias." O banco central do Chile projeta uma inflação anual de 3,8% em dezembro e de 3% ao final de 2025, de acordo com estimativas publicadas no mês passado. Marcel disse ser possível que a inflação anual termine este ano abaixo da projeção do banco central.



### Brasil

Envolvidos no turbilhão de incertezas e esperanças que caracteriza o panorama econômico nacional, adentramos um território onde a realidade se entrelaça com a expectativa, como uma trama de novela que se desenrola a cada novo capítulo.

À medida que mergulhamos mais fundo na complexidade do cenário econômico brasileiro, é evidente que a resiliência da atividade econômica do país continua sendo um ponto de destaque, mesmo diante dos desafios presentes. Enquanto observamos indicadores positivos no mercado de trabalho e no mercado de crédito, como níveis elevados de ocupação e concessões em ritmo satisfatório, não podemos ignorar os obstáculos que persistem, como a carga de juros sobre as pequenas empresas e as pressões inflacionárias, especialmente a inflação de serviços.

Olhando para os dados disponíveis, fica claro que, apesar das adversidades, há sinais encorajadores de que a economia está se adaptando e encontrando maneiras de se manter estável. A robustez do mercado de trabalho, aliada ao crescimento da massa salarial, reflete uma certa resiliência que sustenta a atividade econômica. No entanto, é essencial reconhecer que ainda há desafios a serem superados, como a persistência da carga de juros sobre as pequenas empresas, que pode continuar impactando a inadimplência nesse segmento.

Além disso, as pressões inflacionárias pontuais, especialmente a inflação de serviços, demandam uma análise cuidadosa e medidas estratégicas para mitigar seus efeitos sobre a economia. A recente composição da inflação corrente traz à tona preocupações adicionais, refletindo a incerteza em relação ao nível de ociosidade da economia e suas perspectivas de inflação.

Diante desse contexto, é fundamental uma postura ainda mais cautelosa do Banco Central (BC). O reconhecimento da resiliência da atividade econômica e a incerteza trazida pelos reajustes salariais elevados indicam a necessidade de uma análise detalhada e medidas estratégicas por parte do BC. A decisão de não sinalizar cortes nas próximas reuniões é acertada, porém, é possível que o cenário exija uma redução do ritmo de quedas ou até mesmo uma pausa nos cortes para garantir a convergência da inflação para o centro da meta.

Portanto, nossa análise sugere que, embora o cenário econômico brasileiro apresente sinais de resiliência, é necessário permanecer vigilante e adaptável às mudanças que possam surgir. A compreensão detalhada desses desafios e oportunidades nos permite ajustar nossas estratégias de investimento e navegar com mais segurança nesse ambiente complexo.

## Juros & Câmbio

Em abril, observamos uma escalada na aversão a risco nos principais mercados globais. Essa aversão se deu por uma série de preocupações em relação ao cenário macroeconômico e geopolítico global.

O debate a respeito das taxas de juros americanas piorou expressivamente, após a divulgação dos dados econômicos americanos, indicando pressões em índices de preços e atividade mais forte que o esperado.

O Nonfarm Payrolls mostrou a criação de 303 mil postos de trabalho, bem acima dos 212 mil esperados, enquanto o CPI do mesmo período mostrou variação mensal de 0,4%, tanto no núcleo quanto no índice cheio (ambos acima dos 0,3% esperados nos dois conceitos).

Do lado geopolítico, o Oriente Médio voltou a apresentar desafios, trazendo impactos importantes para os mercados, como a forte valorização do ouro e do petróleo. Com a força das duas commodities, os ativos de risco acabaram sendo fortemente pressionados ao redor do globo.

No Brasil, apesar do petróleo em alta indicar uma apreciação do real, não foi a dinâmica observada, já que o enfraquecimento do preço da soja (-11% YTD) e do minério de ferro (-15% YTD) contribuíram para fraqueza da moeda.

Nesse cenário, o dólar avançou 2,75% no mês de abril, contribuindo para valorização de 7,04%, desde o início do ano.

Em relação ao dólar DXY, índice que mede a força da moeda norte-americana frente a uma cesta de moedas desenvolvidas, a alta mensal foi de 1,8%, contribuindo para ganhos de 4,9%, desde o início do ano.

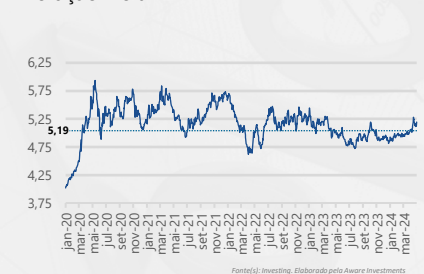
O euro e a libra acompanharam a dinâmica do dólar frente ao real, registrando altas de 2% (+3,42% YTD) e 2,3% (+5,04% YTD).

Em relação ao bitcoin, após um primeiro trimestre de forte desempenho, observamos expressiva realização de lucros, evidenciando que está muito mais correlacionado aos ativos de risco globais, do que um porto seguro, como seus defensores argumentam. A baixa mensal foi de 15%. Apesar da baixa expressiva, os ganhos de 2024 permanecem superiores a 40%.

### Moedas

Dólar	5,19	3,55%
Euro	5,54	2,33%
Libra	6,49	2,48%
Yuan	0,72	3,27%
Iene	0,03	-0,66%
Lira Turca	0,16	3,82%

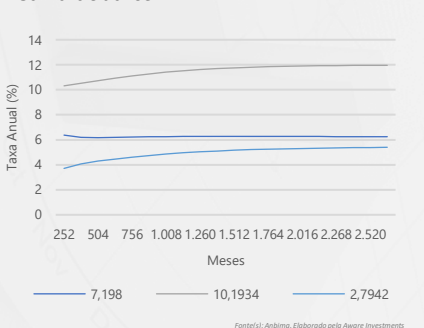
### Evolução Dólar



### Evolução Ouro



### Curva de Juros



## Bolsas

Em abril, os principais mercados acionários desenvolvidos operaram em realização de lucros, de “ressaca” em relação ao mês de março, marcado pela nova máxima histórica do S&P 500.

Além da realização de lucros natural, após altas expressivas, os investidores globais reagiram negativamente à reprecificação do ciclo de queda de juros em solo norte-americano.

Com esse cenário macro turbulento, a temporada de balanços acabou ficando em segundo plano, apesar de ser considerada um sucesso já que, das empresas que reportaram, 81% superaram as estimativas de Wall Street.

Nesse contexto, pressionado pelo cenário externo, as ações brasileiras presentes no índice Ibovespa registraram baixa de 0,84%, expandindo a baixa anual para 6,2%. Em dólares, representado pelo EWZ, a baixa foi mais acentuada, em queda de 2,5% (-11,2% YTD).

Abril foi mais um mês marcado pelas retiradas de capital estrangeiro na bolsa brasileira. Foram mais de 11 bilhões ao longo do mês, marcando o pior saldo mensal desde agosto de 2023.

Nos EUA, o S&P 500 registrou desvalorização de 4,2%, após atingir sua máxima histórica em março. No ano, o principal índice acionário global permanece com ganhos de 5,6%. Em relação ao Dow Jones, a baixa mensal foi de 5%, reduzindo os ganhos anuais a 0,3%.

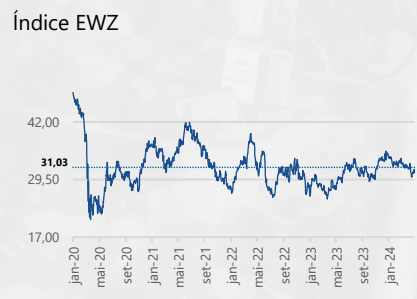
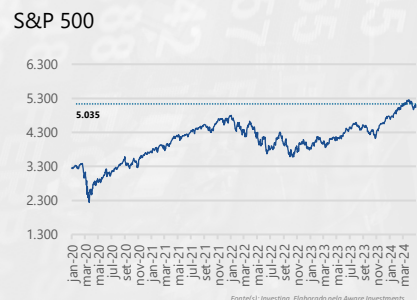
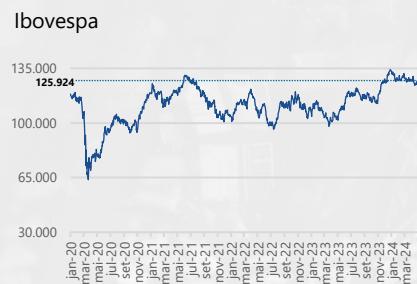
Ainda em solo norte-americano, em relação às ações de tecnologia, a Nasdaq, a queda mensal foi de 4,4%, levando o índice a um desempenho positivo de 4,3%, desde o início deste ano.

No Velho Continente, a tendência foi semelhante à norte-americana, com o Euro Stoxx registrando desvalorização de 2,4% (+8,8% YTD). Das grandes bolsas europeias, apenas o FTSE, da Inglaterra, registrou alta mensal, de 2,4% (+5,3% YTD). O DAX, apresentou baixa de 1,9% (+7,1%), enquanto o CAC, principal índice francês, registrou perdas mensais de 2,7%, reduzindo a performance anual a +5,8%.

Na China, observamos dinâmica positiva, contrária à observada em nações ocidentais. Nesse cenário, os índices de Hong Kong, Shanghai e Shenzhen (tecnologia), registraram ganhos de 7,4% (+4,2% YTD), 2,1% (+4,4% YTD) e 2% (+0,7% YTD), respectivamente.

Por fim, na Terra do Sol Nascente, o Nikkei registrou perdas de 3,51%. Apesar do resultado negativo, o principal índice japonês permanece com ganhos expressivos, desde o início do ano, superiores a 14%.

Índices		
Ibovespa	125.924,19	-1,70%
S&P 500	5.035,69	-4,16%
Nasdaq	15.657,82	-4,41%
Euro Stoxx 50	4.921,22	-3,19%
Shanghai	3.104,82	2,09%



## Perspectivas

Tal como um GPS... Recalculando a rota...

Se no final do ano, alguns agentes do mercado falavam até de uma possível queda dos juros se iniciando em março nos EUA, terminamos abril com algumas apostas até de que não haverá nenhum corte de juros em 2024 em solo norte-americano. Mesmo com um resultado do PIB vindo bem abaixo das expectativas, o fantasma da inflação alta continua assustando. Os últimos dados do PCE mostraram que por mais que a economia possa estar desacelerando, a inflação está com dificuldades de arrefecer, e faz com que o mercado reavalie as expectativas para o fim de 2024. Nesse cenário, é possível que o dólar deva se fortalecer em relação a outras moedas. Em paralelo, as principais Treasuries devem refletir essa expectativa de juros altos, impactando a renda fixa como um todo.

Já na Europa, o caminho parece ser mais fácil. Apesar da manutenção do discurso conservador sobre a flexibilidade da política monetária, o Banco Central Europeu já começa a dar sinais de que o ciclo de queda de juros está cada vez mais próximo. Os dados de inflação no velho continente se mostram mais controlados do que nos EUA, e em conjunto com um crescimento mais fraco da economia, abrem espaço para que os juros caiam em um futuro não tão distante... e provavelmente antes dos EUA.

No Brasil, a estrada é mais longa, cheia de curvas e de perigos. Se já não bastasse a influência do cenário externo conturbado e com diversas incertezas, para dificultar de vez o trajeto, o Brasil também sofre com suas questões fiscais. A revisão da promessa de "déficit 0", para 2025, e superavit de 1% do PIB somente para 2028, jogou um balde de água fria nos investidores, e nas expectativas de inflação, PIB e Selic para os próximos anos. Esse cenário de incertezas internas e externas, prejudica o Real em relação ao Dólar, e pode impactar negativamente a bolsa ainda mais. Da mesma forma, uma melhora no ambiente externo, pode influenciar positivamente o mercado local.

Um ponto de atenção para os investidores, é a escalada dos conflitos no Oriente Médio. A questão tem tomado proporções maiores, e o impacto em várias commodities pode pressionar a inflação global. Na Ásia, as atenções se voltam para o Japão, que teve sua moeda pressionada, renovando mínima em mais de três décadas em relação ao dólar. Com a China também em dificuldades em sua retomada, o sentimento mais pessimista tende a pairar por um tempo em solo asiático.



### *Disclaimer*

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your  
investments

---

AWARE INVESTMENTS  
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

[contato@awaregestao.com](mailto:contato@awaregestao.com)  
[www.awaregestao.com](http://www.awaregestao.com)